

# Olhar atento ao novo ciclo da produção de grãos

**Thiago Copetti**

Especial para o JC\*

Em uma indústria marcada por rápidas transformações, o evento Teco 2025, promovido pela Novonesis, consolidou-se como um espaço de diálogo e reflexão estratégica para o futuro do etanol de grãos no Brasil. Realizado nos dias 30 de setembro e 1º de outubro de 2025, no Grand Hyatt, em São Paulo, o encontro reuniu executivos, investidores, associações e instituições financeiras para discutir as principais tendências e desafios do setor.

Empresa global de biosoluções, resultado da fusão entre Novozymes e Chr. Hansen, a Novonesis opera em diversos segmentos industriais e agrícolas. No Brasil, ela se destaca como fornecedora de enzimas e leveduras para a produção de etanol de milho — representando uma parcela expressiva desse mercado e liderando o fornecimento local de tecnologias biológicas que são insumo essencial para a fermentação industrial.

Essa posição de liderança tem permitido à Novonesis não só abastecer usinas já em operação como também acompanhar o crescimento de novos projetos, muitas vezes desde o início das operações, fortalecendo sua relevância na cadeia de valor.

O Teco 2025 reuniu cerca de 20 empresas e instituições financeiras, incluindo produtores de tecnologia, consultorias, usinas

e players do mercado de bioenergia. O Itaú BBA apresentou análises de mercado, dimensionando fluxos de investimento, avaliando riscos e oportunidades, reforçando que o crescimento do setor é tanto industrial quanto financeiro.

O evento trouxe debates sobre sustentabilidade, originação de grãos, valorização de coprodutos e expansão industrial. Vários cases de empresas do Rio Grande do Sul, de São Paulo e de outras regiões foram apresentados, destacando diferentes estratégias de crescimento e integração com o mercado internacional.

Executivo da Novonesis que responde pelo setor, Fabrício Leal soma uma visão integrada e detalhada do segmento, conhecimento de temas que atravessam desde o campo até a cadeia industrial e acompanha esse mercado como uma visão 360 graus e ainda além: Leal sinaliza, por exemplo, que a atividade tem dependência de lenha e de outras fontes de biomassa para geração de vapor e calor, o que continua sendo um desafio crítico. “O planejamento de longo prazo em silvicultura energética é fundamental para garantir competitividade”, alerta o especialista.

Outro tema que ele coloca na mesa é a diversificação da originação agrícola. O milho segue como principal insumo, mas alternativas como sorgo ganham importância estratégica, especialmente em regiões com menor



Sustentabilidade, originação, valorização de coprodutos e expansão industrial estão no foco dos debates

disponibilidade hídrica ou fora da janela ideal de plantio. “O sorgo oferece cobertura do solo, resistência climática e rendimento de amido adequado para etanol”, sinaliza.

Um ponto consolidado como positivo, mas que ainda precisa amadurecer, é a adoção de produtos como DDGS (coproduto feito a partir do milho, usado principalmente na alimentação animal), cada vez mais presentes no comércio internacional, equilibrando momentos de sobre-

ferta e ampliando a rentabilidade das usinas. As empresas também devem erguer suas plantas já de olho em certificações ambientais, rastreabilidade e métricas de redução da pegada de carbono, que são essenciais para acessar mercados na Europa, Ásia, Japão e Estados Unidos.

O setor no Rio Grande do Sul, em São Paulo e outras regiões mostrou diferentes abordagens de integração agrícola-industrial. Empresas apresentaram investimentos, capacidades de produção

e estratégias para mitigação de riscos climáticos e logísticos. O evento destacou ainda a importância de um planejamento estratégico que integre tecnologia, sustentabilidade e análise financeira.

A presença de instituições financeiras, como o Itaú, reforçou a maturidade do setor e a relevância da modelagem de risco e do financiamento estruturado, além de propiciar visibilidade sobre o interesse de investidores nacionais e internacionais.

## Os grandes desafios do setor

O grande pano de fundo da indústria de etanol de milho no Brasil é o fato de que ela cresceu rápido demais para a própria cadeia. Cresceu sozinha, sem planejamento setorial coordenado, e, agora, os elos “esquecidos” viraram gargalos estratégicos.

### Biomassa: o gargalo que ninguém planejou

A biomassa (eucalipto) surge como o maior risco estrutural da expansão do etanol de milho. Por que isso ficou crítico agora? O etanol de milho não opera sem biomassa (vapor/energia) e o eucalipto tem ciclo longo (6-7 anos) e já é disputado por papel e celulose. Em pesquisa ao vivo (Mentimeter), a biomassa apareceu como a principal preocupação do público.

Esse não é mais um detalhe operacional. Biomassa virou risco de negócio e tema de política industrial, mesmo sem política pública formal.

### DDGS (coproduto/ração)

- Há gado confinado em larga escala
- No Brasil mais de 90% do gado ainda é a pasta
- O principal consumidor potencial não existe na escala necessária

### Desencaixe estrutural

- Avicultura + suinocultura = 70%-80% do mercado de ração
- DDGS não é ingrediente “tradicional” para monogástricos, falta padronização, confiança e reconhecimento técnico
- Capacidade de absorção do etanol no mercado

### Novas avenidas

Um dos temas debatidos em São Paulo, no evento organizado pela Novonesis, deixou claro que vai ter mais etanol no mercado, por vários motivos combinados. Fatores de aumento de oferta, açúcar menos atrativo (mais cana para etanol), mistura obrigatória já em 30% e expansão contínua do etanol de milho.

O resultado provável é pressão de baixa no preço do etanol, especialmente na próxima safra. As 3 avenidas para absorver esse volume são etanol hidratado, investir desde cedo em combustível sustentável para aviação (SAF) como estratégia de médio / longo prazo, assim como o uso marítimo - ainda incipiente, mas no radar.

### O que muda agora?

O setor percebeu que o DGS (ração animal) não pode ser tratado como subproduto, precisa virar produto qualificado, padronizado e com valor nutricional comprovado.

A biotecnologia ainda é uma área de estudo razoavelmente nova, opera com formulações específicas, mas pode ter boa conexão e atuação da Embrapa como ponte direta entre etanol, nutrição animal e competitividade da proteína brasileira.